



**INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

FABIANE ALVES DOS SANTOS

**A CAATINGA NAS LETRAS DE MÚSICA DE JOÃO DO VALE:
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ENSINO DE LITERATURA**

REDENÇÃO/ACARAPE

2025

FABIANE ALVES DOS SANTOS

**A CAATINGA NAS LETRAS DE MÚSICA DE JOÃO DO VALE:
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ENSINO DE LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro

REDENÇÃO/ACARAPE

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Santos, Fabiane Alves dos.

S578c

A caatinga nas letras de música de João do Vale: educação ambiental e ensino de literatura / Fabiane Alves dos Santos. - Redenção, 2025.
46f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2025.

Orientador: Prof^a Dr^a Andrea Cristina Muraro.

1. Ecocrítica. 2. Ecologia na literatura. 3. Caatinga. 4. Educação ambiental. 5. Vale, João do, 1934-1996. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 809.935577

FABIANE ALVES DOS SANTOS

**A CAATINGA NAS LETRAS DE MÚSICA DE JOÃO DO VALE:
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ENSINO DE LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso, na modalidade monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Data de aprovação: 26/05/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dra. Andrea Cristina Muraro (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Prof. Dr. André Telles do Rosário

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Prof^ª Dra. Monalisa Ferreira Valente

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Aos meus pais, que mesmo sem terem tido todas as oportunidades me mostraram, do seu jeito, que eu poderia ir além do que eles foram. Vocês são a base que me mantém firme nos meus objetivos. Sem o seu apoio, eu não teria chegado até aqui, e talvez nem ousasse sonhar com mais. Esta conquista é, em grande parte, reflexo do esforço e do amor de vocês. É com imensa alegria que dedico a vocês este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, que foi meu suporte ao longo dessa jornada. Vocês são minha maior referência de amor, força e inspiração. Agradeço, do fundo do coração, pelo apoio incondicional, sem ele, esta conquista não teria sido possível.

À minha irmã, Leane, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos importantes da minha vida. Você foi o meu abrigo na infância, uma companhia diária e a voz que me apresentou à literatura ao ler, para mim, o primeiro romance que me fez amar as palavras. Nunca conheci o mundo sem você, mas sei que ele seria muito sem graça. Obrigada por estar sempre comigo, seu apoio me trouxe até aqui e me levará além.

Aos meus amigos e colegas, em especial, Marceliana e Victor, que estiveram ao meu lado ao longo da graduação, nos momentos alegres e também nos difíceis. Foram as risadas compartilhadas e o apoio mútuo que me mantiveram firme nesta jornada. Agradeço imensamente por cada gesto de amizade e companheirismo.

À minha orientadora, Andrea Muraro, por acreditar no potencial do meu trabalho e por estar sempre disposta a esclarecer minhas dúvidas, indicando caminhos que, muitas vezes, pareciam confusos à minha frente. Sua paciência, apoio e confiança foram essenciais para o aprimoramento e a conclusão deste trabalho.

À minha amiga, Cris, que foi com quem primeiro vivenciei a experiência da universidade e compartilhei tantos momentos felizes. Sua amizade foi e sempre será muito importante para mim.

A todos os professores e professoras do Instituto de Linguagens e Literaturas, que desde o início da graduação, em cada aula, contribuíram para o meu crescimento acadêmico e profissional. Meu profundo agradecimento por cada aula que despertou ideias, por cada leitura que ampliou horizontes e por cada palavra de incentivo que fortaleceu minha caminhada. Levo comigo tudo o que aprendi com vocês.

À Unilab, que me acolheu com afeto, me ensinou com diversidade e ampliou meu olhar sobre o mundo. Levo comigo tudo o que vivi e aprendi nesse espaço tão plural.

Por fim, minha gratidão a todos que cruzaram meu caminho e, de alguma maneira, contribuíram para que esta conquista se tornasse possível.

RESUMO

Diante dos problemas ambientais causados por uma sociedade estruturada sob o viés colonial capitalista, no qual prevalece a necessidade de obtenção de lucro por meio da dominação e exploração do ambiente natural, surgem discursos voltados para a urgência de medidas para preservação do meio ambiente, tendo em vista os riscos futuros de colapso ambiental. Nesta pesquisa faz-se um recorte para a Região Nordeste do Brasil, objetivando analisar, pelo viés da Ecocrítica, as letras de música do compositor maranhense João do Vale que abordam aspectos da fauna e flora do bioma Caatinga e inseri-las em uma proposta de ensino interdisciplinar que promova a educação ambiental a partir dos textos literários. A ecocrítica, segundo Garrard (2006), enquanto perspectiva de análise, propõe não apenas uma leitura ecológica dos textos, mas também uma reflexão voltada à crise ambiental, ao risco de colapso e à busca por soluções. Desse modo, a análise realizada buscou identificar nas letras das músicas selecionadas elementos que expressam a relação entre seres humanos e natureza no contexto do bioma Caatinga. Com relação ao tema, as canções revelam elementos da fauna e flora locais e apresentam o homem como parte desse ecossistema, em relações marcadas por intensa afeição, apesar das exigências de sobrevivência e adaptação. Destaca-se ainda a valorização dos saberes empíricos em contraste com o conhecimento científico, evidenciando uma profunda conexão entre os sujeitos e o ambiente natural. No que se refere à forma, as letras de música são fortemente marcadas por traços de variação linguística, considerando os aspectos geográficos, culturais e sociais da região na qual João do Vale viveu sua infância e parte da juventude, o que reforça a identidade regional e o vínculo do compositor com seu espaço de origem. Sendo um filho da terra, João do Vale representa o bioma Caatinga nas letras de suas canções com bastante fidedignidade. Reconhecendo o potencial didático dessas letras de música, o estudo propõe oficinas interdisciplinares que promovam a educação ambiental em aulas de literatura, pensando em um ensino contextualizado e necessário nas escolas inseridas na região Nordeste do Brasil, onde predomina o bioma Caatinga, como uma forma de promover o conhecimento e a valorização dos elementos e saberes locais.

Palavras-chave: Ecocrítica; João do Vale; Caatinga; Literatura e educação ambiental; Ensino.

ABSTRACT

Faced with the environmental problems caused by a society structured under capitalist colonial bias, in which the need to obtain profit through the domination and exploitation of the natural environment prevails, discourses emerge focused on the urgency of measures for environmental preservation, considering the future risk of ecological collapse. This study focuses on the Northeast region of Brazil, aiming to analyze, through the lens of Ecocriticism, the lyrics of songs by composer João do Vale, from Maranhão, which address aspects of the fauna and flora of the Caatinga biome, and to incorporate them into an interdisciplinary teaching proposal that promotes environmental education through literary texts. According to Garrard (2006), Ecocriticism, as an analytical perspective, proposes not only an ecological reading of texts, but also a reflection focused on the environmental crisis, the risk of collapse and the search for solutions. Thus, the analysis aimed to identify elements in the selected song lyrics that express the relationship between humans and nature in the context of the Caatinga biome. Regarding the theme, the songs reveal elements of the local fauna and flora and represent humans as a part of this ecosystem, in relationships marked by intense affection despite the demands of survival and adaptation. The study also highlights the value of empirical knowledge in contrast with scientific knowledge, revealing a deep connection between subjects and the natural environment. In terms of form, the lyrics are strongly marked by linguistic variation, considering the geographical, cultural and social aspects of the region where João do Vale spent his childhood and part of his youth, which reinforces regional identity and the composer's bond with his place of origin. As a son of the land, João do Vale represents the Caatinga biome in his songs lyrics with great authenticity. Recognizing the didactic potential of these songs lyrics, the study proposes interdisciplinary workshops that promote environmental education in literature classes, aiming for a contextualized and necessary teaching in schools located in the Northeast region of Brazil, where the Caatinga biome predominates, as a way of fostering knowledge and appreciation of local elements and knowledge.

Keywords: Ecocriticism; João do Vale; Caatinga; Literature and environmental education; Teaching.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
2. ECOCRÍTICA, ENSINO DE LITERATURA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CAATINGA.....	15
2.1. Biodiversidade e problemas ambientais no bioma Caatinga.....	15
2.2. Os tropos de análise ecocrítica.....	16
2.3. O ensino interdisciplinar de literatura e educação ambiental.....	19
3. OS SEGREDOS DO SERTANEJO: FAUNA, FLORA E SABERES EMPÍRICOS NAS MÚSICAS DE JOÃO DO VALE.....	20
3.1. Sobre a proposta de análise.....	20
3.2. Sobre resistência e adaptação: carcará, a águia do sertão.....	21
3.3. As voltas que o sertão dá: período seco e período chuvoso na Caatinga.....	23
3.4. Conhecer o sertão é desenvolver um intenso sentimento de pertencimento: o bom filho à casa torna.....	25
3.5. Um carcará e um pé de juá: fauna e flora da Caatinga.....	28
3.6. Pensando ecocriticamente sobre os saberes empíricos.....	31
4. A CAATINGA NAS LETRAS DE MÚSICA DE JOÃO DO VALE: PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO.....	35
Oficina I - Carcará, a águia do sertão.....	35
Oficina II - As voltas que o sertão dá: período seco e período chuvoso na Caatinga.....	36
Oficina III - O bom filho à casa torna.....	37
Oficina IV - Fauna e flora da Caatinga na música “Ouricuri (segredos do sertanejo)”.....	38
Oficina V - Os saberes empíricos e a conexão com a natureza.....	39
VI - Encerramento: Feira cultural.....	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diante dos diversos problemas ambientais causados por uma sociedade estruturada sob o viés colonial capitalista, no qual prevalece a necessidade de obtenção de lucro por meio da dominação e exploração do ambiente natural, surgem variados discursos voltados para a urgência de medidas para preservação do meio ambiente tendo em vista os riscos futuros de colapso ambiental.

A ideia do colapso ambiental pode ser entendida a partir de diferentes perspectivas para além da visão generalista amplamente discutida em escala global. Ao inserir questões históricas e sociais, um exemplo significativo é o pensamento de Ailton Krenak que, em sua obra, afirma que para os povos indígenas o colapso teve início com a colonização, um processo que trouxe doenças, violências físicas e territoriais, marcando o início de uma longa trajetória de destruição e desestruturação dos modos de vida ancestrais. Para esses povos, portanto, o colapso não é uma ameaça futura, mas uma realidade vivida há séculos. Ou seja, há muito tempo os povos indígenas sobrevivem àquilo que apenas recentemente se tornou uma preocupação mundial. Nesse sentido, o autor alerta que “todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda.”(Krenak, 2019, p.24)

Essa perspectiva de colapso ambiental é compartilhada por comunidades quilombolas, que, também desde a colonização, resistem a uma forma de colapso. Inicialmente, sequestrados de seus espaços de origem com os quais mantinham uma relação, em seguida, foram forçados a reconstruir memórias e modos de vida em um espaço totalmente distinto. Ainda assim, desenvolveram formas próprias de conexão com o novo território, como no caso da Caatinga, o bioma da região Nordeste do Brasil, na qual se localiza a comunidade de Antonio Bispo do Santos, o autor que propõe o conceito de envolvimento, para se referir à relação de conexão dos povos quilombolas com a natureza da Caatinga. O envolvimento é uma contraposição à lógica do desenvolvimento, imposta pelo colonizador, baseada na exploração dos recursos naturais e na cosmofofia, ou seja, o medo ou recusa de se integrar ao cosmos e aos ritmos da natureza (Bispo dos Santos, 2023).

Dessa forma, é possível afirmar que colapsos ambientais não são uma novidade para muitos povos, pois eles têm resistido e sobrevivido a esses processos há séculos, enquanto o mundo hegemônico apenas recentemente começou a perceber a gravidade da crise que se anuncia.

Nesse sentido, tendo em vista a urgência da busca por soluções para os problemas ambientais, pode-se afirmar que, em geral, a responsabilidade recai sobre as escolas e universidades, enquanto espaços de ensino-aprendizagem, para a formação de sujeitos ambientalmente conscientes. Entretanto, vale ressaltar que a formação desses sujeitos não será imediata, pois a educação, que envolve a construção de valores, pensamento crítico e a transformação de atitudes, é um processo de longo prazo, de modo que, a construção de uma consciência ambiental por meio da educação não pode ser vista como uma solução imediata para os problemas ambientais.

Além disso, é perceptível que, em relação às gerações mais jovens, há uma desconexão com a natureza, o que dificulta o ensino da educação ambiental, pois os intensos processos de urbanização tornam a natureza cada vez mais abstrata para as crianças que nascem e crescem nas cidades. Essa é uma observação pessoal, pois, tendo origens na serra de Pacatuba-CE, tive oportunidade de viver mais próxima à natureza, de modo que, as lembranças da minha infância são do contato com a terra, de tirar frutas do pé e tomar banho nos rios e cachoeiras. Estudando em uma escola nessa localidade, nas aulas voltadas para a educação ambiental, falávamos sobre a nossa realidade, ou seja, sobre a preservação da natureza ao nosso redor, próxima à nós e que sempre foi a nossa casa. As atividades práticas eram fora da sala de aula, longe das estruturas de alvenaria, onde podíamos conhecer as espécies da fauna e flora e entender as relações ecológicas das quais somos parte.

Ao confrontar minha realidade com a da cidade pude perceber o modo como a desconexão com a natureza afeta o desenvolvimento das crianças, que acabam se tornando jovens que não compreendem a natureza para além de uma fonte de recursos para o ser humano. Isso ocorre pois as crianças raramente têm a oportunidade de vivenciar experiências em espaços naturais. O pesquisador americano Richard Louv criou o termo “transtorno de déficit de natureza” para se referir aos impactos causados pela crescente desconexão das crianças com a natureza. Um desses impactos, segundo afirmam Prado e Cantarin (2022) é que a cada geração há uma expectativa menor de um ambiente salubre, pois uma vez que a criança foi impedida de conviver e conhecer os espaços naturais, tem-se adultos pouco preocupados com a preservação do meio ambiente.

Além dessa questão, Prado e Cantarin também destacam que “muitos animais estão ameaçados de desaparecimento – não apenas pela destruição de seus habitats naturais, mas também pelo desuso das palavras que os designam”(2022, p.1). Esse desconhecimento da natureza por parte das gerações mais novas foi percebido pelo autor Robert MacFarlane, que produziu o livro *The Lost Words* (As Palavras Perdidas), em parceria com a ilustradora Jackie

Morris. A obra consiste, segundo o próprio autor, em um livro de feitiços no qual os poemas devem ser recitados em voz alta como um feitiço para trazer à vida as palavras desaparecidas. A proposta de reavivar as palavras em desuso para designar a fauna e a flora, afirmam Prado e Cantarin (2022), também faz sentido no Brasil, mas não por meio de uma tradução literal da obra citada, pois não contemplaria a realidade do ambiente natural brasileiro, uma vez que traz espécies da realidade ambiental de um país europeu. Desse modo, os autores indagam: “Mas que palavras seriam significativas para este objetivo? Que palavras estaríamos perdendo?” (Prado; Cantarin, 2022, p.2) Em uma tentativa de responder a esses questionamentos, pode-se dizer, inicialmente, que devido à sua grande extensão territorial, o Brasil é um país de clima heterogêneo e de grande biodiversidade, desse modo, a produção de uma obra que contemple as diversas regiões seria um trabalho extenso e talvez excludente de muitas espécies, sendo necessário, nesse caso, fazer um recorte regional.

Nessa perspectiva, lançando um olhar para a região Nordeste do Brasil, é válido destacar que muitos nomes que designam a fauna e a flora do bioma Caatinga estão ameaçados de desaparecimento do vocabulário das gerações mais jovens e essa extinção linguística pode estar ocorrendo devido à desconexão do ser humano com a natureza, uma vez que a exposição ao meio ambiente natural é essencial para a criação de memórias sobre o meio ambiente. A ausência dessa conexão resulta em um desconhecimento do nosso bioma e conseqüentemente a desvalorização e a falta de ações de preservação, gerando uma extinção não apenas das palavras mas também dos habitats e dos seres vivos.

Portanto, faz-se necessário pensar em maneiras de mudar essa realidade e inserir a educação ambiental nas salas de aula, não de uma maneira abstrata, na qual apenas se afirma que é importante preservar o meio ambiente sem mostrar aos estudantes qual é esse meio ambiente, como é constituído, quais as espécies da fauna e flora e as relações ecológicas que se estabelecem entre elas e quais as ações eles podem realizar, de fato, para preservar o local em que vivem.

Nesse sentido, as propostas de ensino interdisciplinar surgem como um meio promissor para a promoção da educação ambiental. Tal abordagem está prevista nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, que estabelece em seu Artigo 8º que, a educação ambiental deve ser desenvolvida como uma prática interdisciplinar e não como componente curricular específico, de maneira contínua, em todas as fases, etapas, níveis e modalidades (Brasil, 2012, p.3).

Por esse ângulo, tendo em vista o ensino interdisciplinar de literatura e educação ambiental centrado na realidade dos estudantes, neste trabalho faz-se um recorte para a

Região Nordeste do Brasil, objetivando analisar, pelo viés da Ecocrítica, as letras de música do compositor maranhense João do Vale que trazem a temática da fauna e flora do bioma Caatinga e inseri-las em uma proposta de ensino interdisciplinar que promova a educação ambiental a partir dos textos literários.

Tal proposta tem como intuito trazer visibilidade para o bioma Caatinga que recobre 11% do território brasileiro e 70% da região Nordeste, e além disso, é considerado um bioma de importância biológica, pois é o único de ocorrência geográfica restrita ao Brasil. (Kiill, 2021, s.p) Entretanto, mesmo sendo o único bioma exclusivamente brasileiro, ou seja, a biodiversidade desse ecossistema não é encontrada em nenhum outro lugar, ainda é negligenciado nas pesquisas e em ações de preservação, sendo uma dos ecossistemas brasileiros mais degradado pelas atividades humanas, estimando-se que 45,3% de sua área total já está alterada, o que o coloca como o terceiro bioma brasileiro mais modificado, ficando atrás apenas da Mata Atlântica e do Cerrado, e ainda assim, é considerado o menos protegido.

Além dos dados objetivos e inquestionáveis mencionados anteriormente, muitos autores escreveram sobre o Nordeste brasileiro expressando opiniões de maneira subjetiva. Alguns destacaram aspectos positivos, outros negativos, alguns foram apenas observadores externos, outros nasceram e cresceram nesta região. Entre tantos, destacamos João do Vale, que, de acordo com o biografista Wilson Marques (2013), é um homem negro, do Nordeste, nascido a 11 de outubro de 1933, no município de Pedreiras, estado do Maranhão. Descendente de ex-escravizados, a região em que nasceu, o Lago da Onça, assim como seu sobrenome foram doados pelo proprietário da fazenda aos seus ex-escravizados. Nesse espaço, a infância de João do Vale foi marcada pelo trabalho na roça e pela fartura de frutas, caça, arroz, feijão, milho e mandioca. Nesse meio, apesar do pouco dinheiro, a natureza provia o alimento. Entretanto, o destino do jovem João do Vale não era a lida na roça, ele possuía outros talentos que o levariam a conquistar outros espaços, movido pelo seu interesse pelos sons e a criatividade para os versos. João vendia os bolos feitos pela mãe na cidade e se destacava ao criar versos para anunciar o produto, foi assim que sua vida foi se delineando em torno da música.

Muitas dificuldades enfrentou, sendo impedido de realizar seu desejo e de sua mãe de ir à escola, devido ao racismo, ele foi se afastando do seu espaço de origem e em 1950 se mudou para o Rio de Janeiro, assim como milhares de nordestinos já haviam feito, em busca de melhores condições de vida.

Figura 1: O jovem João do Vale no Rio de Janeiro



Fonte: Marques, 2013

Esse período foi marcado pela fase de ouro do rádio, que podia levar desconhecidos à fama através de suas ondas. João do Vale trabalhava como ajudante de pedreiro durante o dia, mas à noite seu caminho era a rádio Tupi e Nacional, com o intuito de mostrar seus versos. Foi nesse contexto que João do Vale, após muitas tentativas frustradas, conseguiu gravar suas primeiras composições nas vozes de artistas conhecidos e, desse modo, adentrou definitivamente no mundo da música. Suas composições fizeram sucesso, mas sua jornada em busca do reconhecimento público seria fortemente marcada por discriminações sociais e raciais.

A década de 60 foi marcante para João do Vale. Segundo Marques (2013), em 1963 ele era um homem casado e pai de família. Foi nesse ano que o compositor começou a fazer suas primeiras apresentações como intérprete em um bar restaurante no Rio de Janeiro, o Zicartola. Foi ali que, tendo seu talento para composição reconhecido, ele foi convidado para participar do espetáculo *Opinião*.

Apesar do clima tenso no Brasil em decorrência da destituição do então presidente João Goulart, a imposição da ditadura militar e a conseqüente restrição da liberdade de expressão, estreou no dia 11 de dezembro de 1964, no teatro do Rio de Janeiro, o espetáculo batizado de *Opinião*. O espetáculo de teatro, que reunia artistas heterogêneos com diversas origens e histórias, mexeu com o cenário cultural e político da época, sendo o primeiro a trazer uma mensagem de resistência ao regime militar, que ainda não havia se mostrado tão violento, através de músicas e testemunhos (Marques, 2013). João do Vale era um desses artistas, e já havia conquistado o tão sonhado reconhecimento público pelas suas composições. Ali, ele representava sua realidade como maranhense, filho de lavradores e sertanejo pobre. Foi assim que ganhou destaque, com suas músicas representativas da região Nordeste, falando sobre as dificuldades e as alegrias e a relação do homem com a terra. Assim ele se apresentava: “Meu nome é João Batista do Vale. Pobre, no Maranhão, ou é Batista ou é Ribamar. Eu saí Batista. Moro na Fundação da Casa Popular de Deodoro, Rua 17, quadra 44, casa 5. Duas horas, sem encontrar ladrão, chega lá.” (Marques, 2013).

Conforme a biografia, após o sucesso do *Opinião*, em 1965 João do Vale gravou seu primeiro disco, intitulado *O poeta do povo*, pela gravadora Phillips e a este se seguiram outros trabalhos, marcados pelo enfrentamento de problemas com a censura do regime militar que se intensificava no fim da década de 60 e início da década de 70, sendo um período marcado pelas prisões e torturas. Então, João do Vale decidiu se retirar, por um tempo, para Pedreiras, mas em 1972, voltou para o Rio de Janeiro, e mesmo acompanhado de perto pela censura, ainda apresentou alguns shows. Em 1974, com os sinais de desgaste do regime militar, o cenário começou a tornar-se promissor novamente, João do Vale voltou, definitivamente, a apresentar seus shows, não apenas no Brasil, mas em outras partes do mundo. Esteve no Tennessee, na Universidade de Vanderbilt e também em Angola, por meio de um projeto cultural de integração Brasil-África, a convite do então presidente do país recém-liberto do domínio colonial português, Agostinho Neto. Ao visitar Angola, João do Vale relata uma reconexão com seus antepassados, se identificando com as pessoas e com os cantos de origem africana, o Tambor de Crioula e a fala das pretas velhas que tanto ouvia na infância, que se pareciam, afinal, com o quimundo que ouviu nas ruas de Angola. (Marques, 2013)

Os tempos ainda eram perigosos quando, em 1981, de acordo com o biografista, o artista lançou o LP *João do Vale convida*, pela CBS, com a participação de diversos artistas e amigos que cultivou ao longo da vida. João do Vale alcançou a fama, não de uma maneira fácil, nos anos 80 era conhecido mundialmente, em meio a shows, participações em programas de televisão e gravações de discos, foi um importante artista popular brasileiro que

teve sua carreira interrompida muito cedo quando foi fulminado por um acidente vascular cerebral, em 1987, e veio a falecer 9 anos depois, em São Luís. João do Vale dedicou sua vida à música e apesar de não ter acumulado grande fortuna, suas composições são consideradas seu legado mais valioso.

Tendo em vista as considerações feitas anteriormente, a pesquisa propõe as hipóteses de que as letras de músicas de João do Vale apresentam a temática da fauna e flora da Caatinga, sendo possível destacar aspectos ecológicos a partir de uma análise ecocrítica, de modo que as letras de músicas poderão ser inseridas em uma proposta de ensino que articule literatura e educação ambiental.

Essas hipóteses se sustentam pois, quando se fala em música e Nordeste, se destaca uma tradição muito marcante, que é a de descrever a região e falar sobre as dificuldades de sobreviver no sertão, nesse sentido, a fauna e a flora da Caatinga é tema recorrente nas produções de diversos compositores nordestinos, não sendo diferente com João do Vale, cuja atuação no Show *Opinião* no ano de 1964 tinha como objetivo central representar a região Nordeste do Brasil, de modo que é possível conhecer aspectos biológicos, ecológicos e sociais do bioma através do contato com as produções do compositor.

Além disso, tendo em vista as temáticas abordadas, as letras de músicas poderão trazer nomes de animais e plantas que compõem a biodiversidade da Caatinga, além de destacar relações ecológicas entre os seres e as peculiaridades do bioma, como a dinâmica dos períodos secos e chuvosos, permitindo análises ecocríticas, embasadas nos tropos sistematizados por Greg Garrard (2006).

Por fim, destacamos que a partir da realização de oficinas de leituras e análises ecocríticas de letras de músicas com a temática ambiental, promove-se o conhecimento, a valorização e a preservação do bioma Caatinga, e consequentemente, a educação ambiental através do texto literário. É essencial ressaltar que o ensino não se faz somente em sala de aula e, em especial, a educação ambiental que exige ação. Desse modo, associando literatura e educação ambiental, a proposta de ensino deve proporcionar aos estudantes momentos de aprendizagem fora da sala de aula para que vejam, concretamente, a sua realidade ambiental.

Nessa perspectiva, os procedimentos da pesquisa foram definidos em três etapas: a seleção de letras de músicas de João do Vale, a análise dessas letras e a elaboração de uma proposta de ensino articulando princípios de educação ambiental ao ensino de literatura.

A seleção dos textos literários que serão analisados, foi feita a partir de um recorte temático, ou seja, letras do compositor João do Vale que abordam aspectos biológicos, ecológicos e sociais da Caatinga, partindo do pressuposto de que quando se fala em música e

Nordeste, destaca-se uma tradição muito marcante, que é a de descrever a região e falar sobre as dificuldades de sobreviver no sertão, sendo esse tema recorrente nas produções de diversos compositores nordestinos.

A segunda etapa consistiu na análise da seleção de letras de músicas, em uma perspectiva ecocrítica, destacando-se as relações ecológicas que são apresentadas e, em especial, as relações entre seres humanos e meio ambiente, ou seja, em uma perspectiva socioecológica, na qual se destaca a busca por possíveis soluções à crise ambiental.

Na terceira e última etapa, foi elaborada uma proposta de ensino articulando princípios de educação ambiental e ensino de literatura. A proposta consiste em oficinas de leitura e análises ecocríticas das letras de músicas, que poderão ser aplicadas em turmas do ensino fundamental II e ensino médio, com o objetivo de promover o conhecimento, a valorização e a preservação do bioma Caatinga, e conseqüentemente, a educação ambiental através do texto literário.

2. ECOCRÍTICA, ENSINO DE LITERATURA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CAATINGA

Tendo em vista os objetivos estabelecidos, a seguir discorreremos sobre alguns aspectos teóricos indispensáveis ao desenvolvimento da pesquisa. Abordando, inicialmente, sobre a biodiversidade e os problemas ambientais do bioma Caatinga, a partir dos dados produzidos pelos pesquisadores da Embrapa (2021), considerando o recorte temático proposto. Em seguida, traremos os tropos de análise ecocrítica, tomando como base teórica o autor Greg Garrard (2006), a partir de sua obra *Ecocrítica*, na qual o autor conceitua e traz o desenvolvimento desse campo de estudos e sistematiza os tropos de análise. Por último, discutiremos sobre o ensino interdisciplinar de literatura e educação ambiental, com base na Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, e a Base Nacional Comum Curricular.

2.1. Biodiversidade e problemas ambientais no bioma Caatinga

O Brasil é um país de grande extensão territorial, sendo composto por cinco regiões que apresentam características climáticas e biodiversidade bastante distintas. O bioma Caatinga é característico da região Nordeste do Brasil, onde há a predominância do clima semiárido e de uma biodiversidade caracterizada pela adaptação aos ciclos de seca e chuva ao longo do ano. O nome Caatinga é de origem Tupi-Guarani e significa “mata branca”, fazendo referência ao aspecto esbranquiçado adquirido pela vegetação durante o período da seca.

Com relação à fauna da Caatinga, Kiill (2021) afirma a existência de grupos diversificados e a riqueza de endemismos e destaca que as atuais pesquisas mostram que

As aves são as mais representativas, com cerca de 510 espécies de pássaros, das quais 20 já se encontram na lista das ameaçadas de extinção, entre elas, a ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*) e arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*), em consequência do tráfico de animais silvestres. (2021, s.p)

Os animais, de modo geral, desenvolvem mecanismos de adaptação às condições da região, como os hábitos noturnos e o comportamento migratório.

A vegetação, segundo Kiill, é formada por árvores de porte baixo, com espinhos e folhas pequenas, cujo mecanismo de adaptação para evitar a perda de água é a perda de folhas na estação seca. Além disso, se destacam os cactos e as bromélias, cuja suculência e armazenamento de água é outro mecanismo adaptativo.

Considerando tais peculiaridades, o bioma possui problemas ambientais específicos, entre os quais se destaca a desertificação, decorrente da intensa exploração dos recursos naturais. Com relação a essa questão, Kiill e Porto (2019) destacam que

Nas últimas décadas, a pressão sobre a exploração dos recursos naturais da Caatinga vem aumentando, devido, principalmente, ao consumo de lenha nativa, explorada de forma ilegal e não sustentável para fins domésticos e industriais, ao sobrepastoreio e à conversão para pastagens em agricultura. (p.66)

A exploração predatória causa alterações na diversidade da fauna e flora do local, acelera os processos de erosão e diminui os níveis de fertilidade do solo e qualidade da água, gerando a desertificação, que se caracteriza pela perda de qualidade do solo e da biodiversidade do local. (Kill; Porto, 2019, p.66)

2.2. Os tropos de análise ecocrítica

A ecocrítica, enquanto perspectiva de análise que se fortaleceu nos Estados Unidos na década de 90, volta-se para a relação entre as produções culturais artísticas e a ecologia, buscando perceber os impactos ambientais decorrentes das atividades humanas, considerando o modo de vida capitalista dominante, discutir sobre o colapso ambiental e propor soluções. Trata-se de um campo de análise crítica em construção, de modo que um dos trabalhos mais conhecidos é a obra *Ecocrítica* (2006), do autor Greg Garrard. Nesta obra, o autor apresenta o seguinte conceito,

O que é a ecocrítica, então? Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na terra (Glottfelty, 1996, p. xix *apud* Garrard, 2006, p. 14)

Nesse sentido, Garrard (2006) esclarece que a ecocrítica já não é entendida como uma simples análise de como a natureza é representada nos textos, pois, quando comparada com o feminismo e o marxismo, sugere uma modalidade de análise politicamente orientada, que apresenta preocupações ambientais e sociais, se abrindo para outros campos, para além dos estudos literários, como o ambientalismo, a história, a psicanálise e a ética. Além disso, pode-se pensar em um cruzamento entre a ecocrítica e o ecossocialismo, que, segundo Michael Lowy (2021) é uma alternativa ecológica e socialista que articula as lutas ecológicas e sociais e defende a necessidade de superação do modelo capitalista predatório. Para Lowy, o ecossocialismo visa não apenas proteger a natureza, mas também transformar radicalmente as estruturas socioeconômicas que sustentam a degradação ambiental, ou seja, há uma conexão entre o capitalismo e a degradação do meio ambiente que pode ser superada pelo desenvolvimento da consciência socialista e da percepção ecológica.

Assim, ao se aproximar de uma perspectiva politicamente orientada, a ecocrítica amplia seu escopo de atuação, promovendo leituras que consideram os impactos ambientais como indissociáveis das dinâmicas de poder, exploração e resistência presentes nos textos e nos contextos que os produzem.

Sendo um campo interdisciplinar, a ecocrítica orienta-se na perspectiva de que os problemas ambientais não são assunto apenas das ciências da natureza, mas também das ciências humanas, quando se pensa o ambiente enquanto condição para o desenvolvimento da cultura. Brugioni afirma que

a intersecção entre os estudos literários, a teoria pós-colonial e o pensamento materialista no seio das Humanidades surge como uma abordagem crítica privilegiada para colocar a literatura e, de forma geral, a cultura entre as actividades humanas que parecem ser capazes de interrogar e, possivelmente, propor respostas – isto é, agendas – capazes de enfrentar as muitas injustiças ambientais que em diversas escalas, frequências e intensidades, ocorrem no mundo. (2022, p.257)

Desse modo, entende-se que a ecocrítica é um campo não apenas de análise literária com um fim em si mesmo, pois busca nos textos literários, para além de seus aspectos estéticos, caminhos para o enfrentamento à crise ambiental.

Vale ressaltar que, ao apresentar o conceito de ecocrítica, Garrard esclarece que seu trabalho aborda a literatura e a cultura britânicas e norte-americanas, mas destaca que os princípios da ecocrítica admitem uma aplicação mais geral (2006, p.16), sendo esse um movimento necessário para o desenvolvimento dessa perspectiva analítica no contexto do Brasil, tendo em vista que diversas pesquisas no âmbito da ecocrítica já foram desenvolvidas, fomentadas pela Associação para o Estudo da Literatura e Meio Ambiente do Brasil, concentrando-se principalmente na Revista Interdisciplinar de Literatura e Ecocrítica (RILE),

entretanto, no que se refere ao espaço da ecocrítica enquanto perspectiva teórica e analítica, Brugioni reitera que trata-se de uma área pouco consolidada, mas que é muito relevante para os estudos literários contemporâneos (2022, p. 254).

Feito esse parêntese, Garrard (2006) sistematiza três tropos ecocríticos, a partir dos quais se tecem análises e traçam-se os caminhos tomados pela ecocrítica. O primeiro tropo é a pastoral, que se subdivide em três tipos: a pastoral clássica que aborda a temática do refúgio da cidade para o campo, sendo um tropo bucólico que surgiu na poesia do período helenístico, a pastoral romântica surgida em um contexto de urbanização em massa e que faz um contraste entre o campo e a cidade enaltecendo a vida no campo de forma romantizada e a pastoral em um sentido pejorativo, que critica a idealização da vida rural enquanto perspectiva que obscurece as realidades do trabalho no campo, uma vez que a pastoral, de acordo com as críticas marxistas, ao defender a ideia do campo como lugar de lazer e refúgio, fala apenas do ponto de vista dos donos das terras e não dos trabalhadores para os quais o campo é local de trabalho e não de lazer.

Nessa perspectiva, a pastoral, estando profundamente enraizada na literatura, pode ser problemática para os interesses da ecocrítica enquanto busca por soluções para a crise ambiental devido às intensas idealizações e pelas constantes abordagens de paisagens sublimes. Garrard (2006) aborda essa questão quando discorre sobre a obra do poeta inglês Wordsworth, e afirma que o autor valoriza uma natureza que não é aquela que os ambientalistas contemporâneos buscam proteger, pois

A natureza romântica nunca está seriamente em perigo e, em seu estado normal, pode ser pobre em termos de diversidade biológica; ela é amada, antes, por sua vastidão, sua beleza e sua resistência. Ao concentrar a atenção em paisagens sublimes, sobretudo montanhosas, o romantismo wordsworthiano talvez a tenha desviado de lugares que são mais importantes e sofrem uma pressão ecológica mais severa, porém são menos ‘pitorescos’, como as turfeiras, os mangues e os charcos. (Garrard, p.68)

Nesse sentido, percebe-se que as poesias em que predomina a pastoral têm um sentido fortemente estético em relação à natureza de modo que não podem ser analisadas na perspectiva de busca por soluções aos problemas ambientais. Além disso, pensando nas paisagens em destaque na pastoral, e trazendo para o contexto do Nordeste brasileiro, percebe-se que a natureza romântica também não é a Caatinga.

O segundo tropo sistematizado é o mundo natural no qual é defendida a visão da natureza sem a presença do ser humano. Garrard (2006) afirma que o mundo natural significa “a natureza em estado não contaminado pela civilização”, diferenciando-se da pastoral, pois, apesar de também trazer a ideia do refúgio, pauta-se na visão do colonizador sobre o novo

mundo, onde foram percebidos o contraste entre natureza e cultura que não eram percebidas no velho mundo. Desse modo, assim como se discutiu na pastoral, é um tropo de análise que não contribui para a ideia de interação entre o ser humano e a natureza de maneira equilibrada, pois predomina o ponto de vista da natureza selvagem intocada pelo homem.

O terceiro tropo é o apocalipse, no qual predomina a visão de extinção da vida na terra como algo inevitável, ou seja, defende-se a ideia de que nada pode ser feito para evitar o fim trágico. É uma perspectiva que se pauta nas tradições judaico-cristãs e tem a função de sensibilizar o ser humano para as questões ambientais por meio do medo, entretanto, não apresenta soluções, apenas prega o fim como algo dado. Garrard (2006) aponta que as narrativas apocalípticas estão diretamente ligadas à imaginação, pois falam sobre o que está por vir, nesse sentido, em uma visão conservadorista, a crise ambiental é entendida como um sinal do fim dos tempos e não como um alerta para se tomar medidas para evitá-lo.

Garrard (2006) também discute sobre outra perspectiva de análise, a habitação na terra, entendida como as formas de pensar a convivência do ser humano com a natureza, se opondo à visão estabelecida no mundo natural e no apocalipse. Nesse sentido, o autor faz o movimento de sair da ideia da pastoral e do mundo natural para a perspectiva socioecológica, ou seja, a ecocrítica, enquanto busca por possíveis soluções à crise ambiental, deve se ater a textos que são ambientados em lugares nos quais coexistem problemas sociais e ambientais interrelacionados, e não em paisagens bucólicas e intocadas pelo homem.

2.3. O ensino interdisciplinar de literatura e educação ambiental

Para discutir sobre a educação ambiental e o ensino de literatura é indispensável que se busque nos documentos normativos as orientações em relação à essa questão, desse modo, discutiremos sobre o ensino a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA), de 2012.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, instituídas pela resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, estabelecem que a educação ambiental deve ser desenvolvida como tema transversal, não sendo implantada como uma disciplina específica, quando afirma em seu artigo 16 que os conteúdos relacionados à educação ambiental podem ser inseridos nos currículos da educação básica e superior “pela transversalidade, mediante temas relacionados com o meio ambiente e a sustentabilidade socioambiental” (Brasil, 2012, p.05)

A BNCC, “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (Brasil, 2017, p.07), é norteadora dos projetos políticos pedagógicos de todas as escolas. Nesse sentido, espera-se que a BNCC, em cumprimento ao estabelecido nas diretrizes curriculares nacionais para a educação ambiental, que afirmam que a educação ambiental deve ser desenvolvida de forma interdisciplinar e transversal, seja clara e consistente quanto ao desenvolvimento da educação ambiental em cada componente curricular e nos diferentes níveis da educação básica.

Nessa perspectiva, ao analisar o que está estabelecido na BNCC, percebe-se que esse documento normativo, assim como as DCNEA, orienta que as questões ambientais devem ser trabalhadas como tema transversal, afirmando que

cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. (Brasil, 2018, p. 19)

E entre os diversos temas contemporâneos, destaca-se a educação ambiental, embasada na Lei nº 9.795/1999, o Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/2012. Além disso, tendo em vista o destaque para os temas transversais regionais, pode-se destacar a preservação do bioma Caatinga como uma dessas temáticas.

Seguindo essa orientação, é possível trabalhar literatura e educação ambiental pensando a interdisciplinaridade e a transversalidade, pois, a literatura é uma disciplina que permite a discussão de variadas temáticas, sendo um campo de muitas possibilidades para a educação ambiental.

3. OS SEGREDOS DO SERTANEJO: FAUNA, FLORA E SABERES EMPÍRICOS NAS MÚSICAS DE JOÃO DO VALE

3.1. Sobre a proposta de análise

Seguindo os objetivos estabelecidos, foram selecionadas sete letras de música do compositor João do Vale, a saber: Carcará (1965), A lavadeira e o lavrador (1965), O bom filho à casa torna (1965), Ouricuri (segredos do sertanejo) (1965), O canto da ema (1981), Morceguinho (o rei da natureza) (1981) e Na asa do vento (1981). O que se faz a seguir é uma análise que busca nos textos literários elementos que marcam a relação entre os seres humanos e a natureza no contexto do bioma Caatinga.

E, tendo em vista que a ecocrítica visa, não apenas analisar os textos em uma perspectiva ecológica, mas também voltada para a busca por soluções à crise ambiental, é essa a proposta de análise que se segue.

3.2. Sobre resistência e adaptação: carcará, a águia do sertão

Sobreviver e adaptar-se são ações rapidamente relacionadas aos seres humanos, entretanto, vale ressaltar que outras espécies, animais e vegetais, também vivenciam esses processos. E, em relação à Caatinga, essa discussão é bastante relevante, pois, tendo em vista a dinâmica de longos períodos secos e chuvosos característicos do clima semiárido ao longo do ano, conhecer essas adaptações é entender uma parte importante da ecologia do bioma.

A música intitulada “Carcará”, um dos maiores sucessos do compositor João do Vale, gravada no disco *O poeta do povo* de 1965, nos permite pensar esses processos de adaptação e resistência, pois traz como figura central, o carcará, e o descreve como uma ave que simboliza essas ações.

Carcará (1965)

João do Vale e José Cândido

Carcará lá no sertão
É um bicho que avoa que nem avião
É um pássaro malvado
Tem o bico volteado que nem gavião

Carcará quando vê roça queimada
Sai voando e cantando carcará
Vai fazer sua caçada
Carcará come até cobra queimada

Mas quando chega o tempo da internada
No sertão não tem mais roça queimada
Carcará mesmo assim não passa fome
Os burrego que nasce na baixada

Carcará pega, mata e come
Carcará não vai morrer de fome
Carcará mais coragem do que homem
Carcará pega, mata e come

Carcará é malvado é valentão
É a águia de lá do meu sertão
Os burrego novinho não pode andar
Ele puxa no imbigó até matar

Carcará pega, mata e come,
Carcará não vai morrer de fome
Carcará mais coragem do que homem
Carcará pega, mata e come.

A partir da letra, no que se refere à questão da resistência e da adaptação, percebemos que temos muito a aprender com o carcará. A primeira aprendizagem é que precisamos, de fato, conhecê-lo. O carcará, que dá nome à música e a protagoniza, é uma ave de rapina da família dos falcões, que se tornou característica do sertão mas que é comum em todo o Brasil, assim como na cidade natal do poeta. Fisicamente, pode ser facilmente reconhecido pelo penacho negro que dá o formato característico à cabeça, a cor alaranjada próxima ao bico que se altera para amarelo à medida que a ave fica agitada e as pernas amareladas (Sick, 2001, p.265). Além disso, uma das suas principais características é o fato de ser um carnívoro oportunista, ou seja, alimenta-se do que estiver disponível em seu território, seja em estradas, áreas queimadas ou na beira-mar, o que o torna bem-sucedido no quesito sobrevivência, e é esse aspecto que é retratado na letra da canção de João do Vale.

No início da letra, o compositor faz comparações e analogias para descrever o carcará e criar a imagem de uma ave imponente e violenta. Ao comparar o seu voo ao de um avião é destacada a velocidade da ave que o torna um predador ágil. Além disso, o bico curvado é comparado ao de um gavião, reforçando sua identidade como ave de rapina. Essa descrição também inclui uma analogia do carcará com a águia, uma ave que simboliza imponência e majestade, elevando o carcará a essa categoria como representante do sertão. Essas descrições constroem a imagem de uma ave violenta mas resiliente e capaz de sobreviver frente às adversidades naturais impostas pelo sertão, e, especialmente, às alterações nas características do bioma em decorrência das atividades humanas, o que nos leva à segunda aprendizagem.

A letra tem como foco a saga do carcará em sua jornada pela sobrevivência no sertão que se resume à busca por alimento e destaca o hábito que a ave possui de comer animais queimados, vítimas do sistema de derrubada-queimada, uma técnica de preparo da terra, tradicional no sertão, para plantio da roça, que consiste no abate de um meio florestal seguido de queimada, formando áreas que são cultivadas por no máximo três anos e depois abandonadas (Mazoyer e Roudart, 2010, p.129). Esse sistema é criticado pois causa alterações permanentes na paisagem do local e desequilíbrio dos processos ecológicos que ali ocorrem, como erosão, perda de fertilidade do solo e mudanças no clima, podendo resultar em desertificação (p.130). Essa discussão nos leva a refletir sobre as ações do ser humano que sempre irá se beneficiar em detrimento de outras espécies, causando um desequilíbrio ecológico.

No que se refere ao carcará, a ave se adapta a essa situação e encontra seu alimento, e mesmo no inverno, quando não há mais roças queimadas, ele busca outras alternativas, nunca foge da situação por meio da migração, e não morre, sempre escolhe resistir, o que nos leva à

aprendizagem número três. O carcará simboliza o modelo de ação a ser seguido pelo homem, não pela sua violência, mas pelo fato de não fugir e defender a permanência no seu lugar de origem. Nesse sentido, a perspectiva de João do Vale sobre a temática da seca contrasta com o modelo padrão da migração que, em geral, é retratado nas canções sobre o Nordeste. Nesta, o eu-lírico, na perspectiva de observador, mostra-se impressionado com as ações da ave que não demonstra medo diante de situações tão adversas.

Além dos aspectos temáticos, é importante observar como a letra da música também se destaca por sua construção formal e pelas variações linguísticas presentes. Na canção, é recorrente o uso de expressões coloquiais, como “inté”, “imbigo” e “avoa”, variações linguísticas que reforçam uma identidade cultural e regional e conferem autenticidade à voz poética. Em termos de forma, destaca-se a repetição do nome da ave ao longo dos versos, recurso que, além de remeter à oralidade, intensifica a ideia de insistência e resistência, refletindo o próprio comportamento do carcará diante das adversidades. Assim, a forma e a linguagem da canção não são apenas escolhas estéticas, mas elementos que contribuem significativamente para a construção temática da canção e para a valorização de uma identidade regional.

Voltando-se à perspectiva ecocrítica, entender o ciclo de adaptações do carcará na letra da música é entender conceitos básicos de ecologia, como o funcionamento da cadeia alimentar e os impactos das atividades humanas nos nichos ecológicos dos outros seres, o que nos leva a esta reflexão: o que pode ser feito para mudar essa situação?

Quando o compositor faz a analogia do carcará com a águia, nos versos “Carcará é malvado é valentão/É a águia de lá do meu sertão”, há uma discussão que não pode deixar de ser feita e que diz respeito à sobreposição de elementos culturais europeus e norte-americanos, herdados do colonialismo, em detrimento dos saberes e símbolos locais. O que está sendo discutido aqui é que, no contexto do bioma Caatinga, um habitat do carcará, é mais comum que se conheça a águia, em específico, as espécies norte-americana e europeia, como representantes das aves de rapina. Isso revela um distanciamento em relação à fauna local. Assim, surge um questionamento crucial: como podemos promover a conservação e a valorização do bioma Caatinga se não o conhecemos e tampouco buscamos conhecê-lo?

3.3. As voltas que o sertão dá: período seco e período chuvoso na Caatinga

Ecologicamente falando, os seres vivos se adaptam ao ambiente em que vivem, nesse sentido, percebe-se que o natural não é modificar o ambiente de acordo com nossas necessidades, como tem sido feito com frequência pelo ser humano, mas sim, entender seu

funcionamento e se adaptar a ele. É sobre isso que a letra da música “A lavadeira e o lavrador” nos leva a refletir.

A lavadeira e o lavrador (1965)

Eu vi a lavadeira pedindo sol
E o lavrador pra chover
Os dois com a mesma razão
Todos precisam viver

Eu vi o lavrador com o joelho no chão
O pranto banhando o rosto
Seu filho pedindo pão
O gado todo morrendo
Lama virando torrão
Dizendo ó Deus poderoso
Faça chover no sertão

Nessa hora eu queria ter força e ter poder
Pra acabar com a miséria
E fazer no sertão chover
Sei que vão me censurar
Mas veio na imaginação
Nem todos são filhos de Deus
Pois Deus não tem coração

Depois vi a lavadeira
Soluçando a reclamar
Dez dias que não faz sol
Pra minha roupa secar
Se não entrego a roupa toda
O doutor não vai me pagar
Se amanhã não fizer sol
Ai, meu Deus, o que será?

Aí, eu vi que Deus é toda a perfeição
O que eu pensei ainda há pouco
Agora peço perdão
Só uma força de cima
Contorna a situação
Um povo querendo inverno
Outro querendo verão.

A letra da canção tem como tema os impactos do período seco e do período chuvoso na região Nordeste. É por meio da construção de dois cenários contrastantes que o eu-lírico mostra-se atônito com a situação que presencia. No primeiro cenário, ele observa a sina do lavrador que sofre com a ausência da chuva, por isso, clama a uma força superior pela chuva para irrigar sua lavoura. No segundo cenário, o eu-lírico assiste à lavadeira que clama pelo sol para secar a roupa do doutor, caso contrário, ela não receberá seu pagamento. Ao presenciar cada situação de maneira isolada, o eu-lírico mostra-se revoltado com o que ele chama de “falta de coração de Deus”, por ser uma força superior capaz de intervir na situação, mas que nada faz. Entretanto, ao comparar os dois cenários, logo percebe que tanto o período de

chuvas quanto o de sol são momentos importantes ao longo do ano, e isso demonstra o equilíbrio do ecossistema que oferece tudo que é necessário para a sobrevivência do homem. Diante desses fatos, o eu-lírico, indignado no início, ao final, mostra-se impressionado com a perfeição desse ciclo natural.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a letra da música apresenta uma progressão temática sendo, acima de tudo, uma reflexão sobre uma realidade, que, ao longo dos versos, é apresentada, questionada e compreendida pelo eu-lírico que se posiciona como um observador crítico. A repetição da expressão “Eu vi” no início das estrofes é um recurso anafórico que reforça o ponto de vista do eu-lírico como observador e testemunha da realidade contrastante do sertão. Em seguida, o eu-lírico irá questionar essa realidade falando aquilo que “veio na imaginação”. Por fim, chega à compreensão da complexidade da situação retratada afirmando: “O que eu pensei ainda há pouco/agora peço perdão.” Assim se caracterizando como um observador e, acima de tudo, um crítico.

Além da forma da canção que se insere entre o poético e o narrativo, a letra da canção também apresenta traços de oralidade que conferem autenticidade à voz do eu-lírico, reforçando sua identidade como sertanejo. Entre esses traços, destacam-se as contrações, como “pra chover” e “pra acabar”, que refletem o uso coloquial da língua, comum em discursos orais, as construções com interjeições como, “Ai, meu Deus, o que será?” e “Ó Deus poderoso”, que são marcas emocionais que expressam angústia e apelo, também comuns na oralidade. Tais elementos, além de tornarem a canção mais expressiva, também funcionam como recurso estético para valorizar a linguagem regional.

Pertencer ao Nordeste, é se impressionar com as voltas que o sertão dá para atender às necessidades de todos e pensar ecocriticamente sobre o que nos diz a letra da canção é se basear na premissa de que os seres se adaptam ao meio e não o contrário. Isso pode ser pensado não em um sentido radical, pois é inegável que os avanços tecnológicos são essenciais para a sobrevivência humana, entretanto, há os limites da natureza e o seu funcionamento que só podem ser respeitados quando são, de fato, compreendidos. É nesse sentido que se pode afirmar que, ao conhecer o sertão e seus ciclos, desenvolve-se um intenso sentimento de pertencimento que também é retratado nas letras das canções de João do Vale.

3.4. Conhecer o sertão é desenvolver um intenso sentimento de pertencimento: o bom filho à casa torna

Com um tom saudosista, o eu-lírico, na letra da canção “O bom filho à casa torna”, descreve um sentimento profundo de pertencimento em relação ao sertão. Em um ritmo

poético e narrativo, a canção fala sobre a trajetória de alguém que, movido pelo desejo de conhecer a cidade grande, deixa o campo para, mais tarde, compreender que é no sertão que reside sua verdadeira identidade.

O bom filho à casa torna (1965)

Eu vou contar, seu moço
 Por que deixei meu sertão
 Não foi pra falta de inverno
 Não foi pra fazer baião

É que todo sertanejo
 Sempre tem essa ilusão
 Conhecer cidade grande
 E põe nas costa um matulão
 Pensa que cá na cidade
 Não existe exploração

Óia os bens que eu deixei
 Um roçado de algodão
 Bem cheinho de mandioca
 De arroz e de feijão
 Mas também só na mulher
 É que eu não tinha sócio não

Acontece é que vi tudo
 Arranha-céu muita grandeza
 Móio de ferro voando
 Remexendo a natureza
 Mas o cheirim do mato verde
 Para mim tem mais beleza

Ai meu Deus, quanta saudade
 Do Lachinha e do Sané
 Do De Ouro, do Leipinha
 João Piston, de Rafaé
 Esmagado, Garrinchinha
 São meus amigos de fê

Essa água dos meus óio
 Algum dia vai parar
 O bom filho volta à casa
 Por isto eu vou voltar
 Eu já vi ditado certo
 Pr'aprender tem que apanhar

Graças a Deus que eu tenho
 Quem me protege no mundo
 São José de Ribamar
 Em Vargem Grande
 São Raimundo
 São José de Ribamar
 Em Vargem Grande
 São Raimundo

A topofilia, segundo o geógrafo Yi Fu Tuan, é um neologismo cuja definição inclui “todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente natural” (2015, p.127), ou seja,

refere-se a um sentimento de apego a um lugar. É esse sentimento que o eu-lírico expressa na letra da canção. Apesar de sair do seu lugar de origem, ele não foi movido por um sentimento de repugnância devido à seca, como é o caso de muitas pessoas que deixam a região, nem para ficar famoso no mundo da música, mas sim pela curiosidade de conhecer a cidade grande. O sentimento topofilico se intensifica quando ele percebe a artificialidade do ambiente urbano e a ausência do que realmente o conecta à vida e que expressa nos versos: “Mas o cheirim do mato verde / Para mim tem mais beleza”. Trata-se do olhar de quem enxerga a natureza como abrigo e identidade e não como recurso.

O sentimento expresso pelo eu-lírico também pode ser compreendido, nos termos de Bispo dos Santos (2023), como *envolvimento*, ou seja, uma relação de conexão entre o ser humano e a natureza e, em específico, a relação entre os quilombolas e a Caatinga. Ao conhecer a cidade, o eu-lírico passa a valorizar ainda mais o campo, exaltando sua beleza em contraste com a paisagem urbana marcada pelos arranha-céus e pela ausência do cheiro do verde, além de criticar a natureza extremamente alterada. Desse modo, a noção de *envolvimento* se contrapõe à *cosmofobia*, isto é, o medo ou estranhamento em relação à natureza e ao cosmos, que, segundo o autor, caracteriza os modos de vida urbanos, capitalistas e colonialistas.

Na canção também é perceptível o tema da fuga da cidade para o campo, uma perspectiva comum na pastoral, entretanto, o campo mencionado pelo eu-lírico não é um lugar pitoresco e idealizado, ou seja, o lugar de lazer que é característico da pastoral, mas sim um espaço no qual ele habita e produz seu alimento no seu roçado de algodão, mandioca, arroz e feijão, além de ser um lugar onde conta com a presença de seus amigos. Esse espaço, além da beleza, também é marcado pelas agruras, porque é um lugar real e não idealizado.

Figura 2: Esmagado, João do Vale e João Piston, os “amigos de fé”



Fonte: Marques, 2013

Na letra da canção, o eu-lírico é alguém que não apenas observa, mas também se propõe a relatar suas próprias vivências, falando em primeira pessoa, como explicita no primeiro verso: “Eu vou contar, seu moço”. Nesse sentido, além de relatar, também irá expressar suas opiniões sobre o campo e a cidade. Nos versos: “É que todo sertanejo/ Sempre tem essa ilusão/Conhecer cidade grande/E põe nas costa um matulão/Pensa que cá na cidade/Não existe exproração.”, o eu-lírico expressa a opinião de que a cidade é um lugar de exploração. Na estrofe seguinte afirma: “Óia os bens que eu deixei/Um roçado de algodão/Bem cheinho de mandioca/De arroz e de feijão/Mas também só na mulher/É que eu não tinha sócio não”, mostrando que o sertão também não é um lugar isento da exploração, pois os bens que possuía, com exceção da mulher, eram divididos com o “sócio”. O que ele está discutindo é que em ambos os lugares, campo ou cidade, pessoas de sua classe social dificilmente conseguirão acumular riquezas, pois o sistema é feito para manter o trabalhador sempre trabalhando mais do que ganhando. Após essa reflexão, ele percebe que o sertão é onde ele pertence, pois apesar das dificuldades, é onde se encontra perto da natureza e dos amigos.

Considerando esses aspectos, pensar ecocriticamente na letra dessa canção é valorizar o sertão, onde predomina o bioma Caatinga, ressaltar suas características enquanto espaço de beleza e também de habitação, além de quebrar o estereótipo profundamente enraizado que

faz muitos pensarem que trata-se de um lugar no qual a seca reina, o gado e as plantações morrem e do qual todos buscam fugir. A letra também coloca em pauta a perspectiva socioecológica versando sobre os problemas ambientais e sociais que ocorrem em um mesmo espaço.

Além dos aspectos temáticos, vale ressaltar que, com relação à forma, as letras de música do artista são fortemente marcadas por traços de variação linguística, considerando os aspectos geográficos, culturais e sociais da região na qual João do Vale nasceu e viveu sua infância. Na letra da música, as variações em relação à norma culta da língua portuguesa se apresentam principalmente nos campos morfológico e fonológico. Isso pode ser visto em algumas palavras como, *exploração*, na qual ocorre a troca da consoante [l] pela consoante [r] se caracterizando como uma variação fonológica conhecida como rotacismo, segundo Coelho (2015). Além disso, a despalatalização, troca do fonema <lh> por <i>, (Coelho, 2015) também é uma variação fonológica presente na letra da canção em palavras como *óia*, em vez de *olha*. Tais variações podem ser associadas a condicionadores extralinguísticos, como grau de escolaridade e nível socioeconômico, ou seja, fatores sociais. Além disso, aspectos geográficos e culturais também marcam o léxico do compositor, sendo notório no decorrer da música palavras que remetem à região Nordeste, como: *matulão*, *baião* e *roçado*.

3.5. Um carcará e um pé de juá: fauna e flora da Caatinga

Ainda ressaltando a importância de conhecer o bioma Caatinga, selecionamos a letra da música “Ouricuri (segredos do sertanejo)”, para refletir sobre o desconhecimento da fauna e flora da Caatinga, em decorrência da desconexão do ser humano com a natureza e a importância de restabelecer essa conexão, pois algumas espécies de plantas e animais são característicos do bioma Caatinga, entretanto, é muito comum que não sejam conhecidos, em especial, pelas gerações mais jovens. Nesse sentido, a letra da música pode ser lida como uma rica fonte para conhecer a biologia e a ecologia do bioma.

Ouricuri (Segredos do sertanejo) (1965)

Ouricuri madurou
 Ôi é sinal, que arapuá já fez mel
 Catingueira fulorou lá no sertão
 Vai cair chuva a granel

Arapuá esperando
 Ouricuri madurecer
 Catingueira fulorando
 Sertanejo esperando chover
 Lá no sertão, quase ninguém tem estudo
 Um ou outro que lá aprendeu ler
 Mas tem homem capaz de fazer tudo, doutor

Que antecipa o que vai acontecer

Catingueira fulora, vai chover
 Andorinha voou, vai ter verão
 Gavião se cantar, é estiada
 Vai haver boa safra no sertão
 Se o galo cantar fora de hora
 É mulher dando fora, pode crer
 Acauã se cantar perto de casa
 É agouro, é alguém que vai morrer

São segredos
 Que o sertanejo sabe
 E não teve o prazer
 De aprender ler

O título da música traz o nome do ouricuri, uma espécie que se confunde com o licuri, porém, enquanto o licuri predomina na Bahia, o ouricuri ocorre em áreas semelhantes, incluindo Pernambuco (Giulietti e Rodal, 2004, p.70). Ambas as espécies são palmeiras nativas do semiárido brasileiro, cuja ocorrência é predominante no bioma Caatinga e que possuem grande importância ecológica e econômica para seres humanos e para outros animais. Na Bahia, o licuri desempenha um papel ecológico fundamental, fornecendo abrigo para diversas espécies de plantas e animais, além de ser fonte de alimento para várias aves. No aspecto econômico, vale ressaltar que os povos e comunidades tradicionais da região semiárida aproveitam todas as partes da planta. Os frutos *in natura* são utilizados para alimentação humana e animal, as amêndoas na fabricação de sabões, óleos e leite e as folhas em construções e artesanatos. (Gonçalves, 2019) Nesse sentido, apesar de ser amplamente explorado, a espécie não enfrenta risco de extinção, sendo classificada como estável de acordo com a lista vermelha da IUCN.

Além da menção de informações acerca de uma importante espécie da flora da Caatinga, tendo em vista a importância de conhecer o bioma, também ressaltamos a valorização dos saberes empíricos, isto é, o conhecimento popular. Esse saber, tema central da letra, é fruto da experiência e construído a partir da interação do ser humano com os elementos da natureza, descritos na canção como os “segredos do sertanejo”.

No início da canção, o eu-lírico afirma que o fato do ouricuri estar maduro dá a entender que a abelha arapuá já está produzindo seu mel, pois, essa espécie de abelha mantém uma relação ecológica com o ouricuri, sendo o principal agente polinizador dessa espécie ao extrair o néctar de suas flores (Santos, 2023), isso é algo que a ciência explica, mas que o homem que não estudou sabe empiricamente, apenas pela observação da natureza. A partir dessa constatação, o eu-lírico se aprofunda mais nos aspectos relacionados à sabedoria

popular, destacando as chamadas experiências de inverno, a partir das quais o sertanejo tenta se antecipar com relação à chegada das chuvas, afirmando que se a catingueira florar é sinal de inverno, mas se a andorinha voar terá verão, além disso, o canto do gavião é visto como um sinal que haverá estiadas ao longo do inverno e por isso uma boa safra no período da colheita.

A catingueira é uma espécie da flora nativa da Caatinga conhecida por apresentar grande potencial econômico, sendo aproveitada para fins madeireiros, medicinais e forrageiros, ou seja, como alimento para o gado. Além disso, é uma das plantas da Caatinga que tem como característica o surgimento de gemas florais aos primeiros sinais de umidade (Dantas *et.al*, 2009). Por isso, o florescimento da catingueira é interpretado pelo sertanejo como um sinal da chegada do inverno. Por outro lado, o verão é associado ao hábito migratório das andorinhas, desse modo, a presença dessas aves é um indicador do início do período seco, uma vez que essas aves tendem a permanecer em determinados lugares quando a temperatura está mais elevada. Essas observações da natureza exemplificam como o sertanejo constroi seu conhecimento a partir da interação com o ambiente.

Ainda discutindo a forte influência do comportamento das aves como indicadores de condições ambientais futuras, na letra, o canto do gavião é associado à estiagem. Do ponto de vista biológico e do conhecimento científico, o canto dessa ave não está relacionado às mudanças climáticas mas sim à comunicação intra espécie e a defesa territorial, pois essa ave possui um grito de alerta característico (Antas, 2005), entretanto, devido ao fato das aves serem mais ativas durante os períodos secos, o observador desses sinais interpreta o comportamento do animal como um sinal de estiagem e, para o sertanejo, a estiagem ao longo do inverno é auspiciosa, como um prenúncio de boa safra, de modo que, ao canto do gavião, é atribuída uma conotação positiva. Por outro lado, o canto da acauã, também mencionado na letra, é interpretado culturalmente como um mau agouro, ou seja, o anúncio da morte de alguém. A acauã é uma ave com fisionomia semelhante à coruja, mas sua característica mais marcante é o canto trissilábico “a-cua-ã”, emitido ao crepúsculo, ao alvorecer e à noite e que em algumas transcrições augurais significa “Deus quer um” (Sick, 1997, p.262), por isso, inspira a crença do mau agouro.

Ambos os casos são exemplos que mostram como os cantos das aves, mesmo baseados em comportamentos biológicos e ecológicos, são culturalmente interpretados pelo ser humano como indicadores de ciclos naturais e condições ambientais futuras.

Sob uma perspectiva ecocrítica, a letra da canção evidencia que, por meio da observação e do conhecimento do funcionamento ecológico do bioma, o sertanejo consegue

se adaptar ao meio e desenvolver suas atividades sem a necessidade de “remexer a natureza”, como aponta João do Vale em suas canções. Assim, o eu-lírico, observador do modo de vida do sertanejo, não apenas descreve sua relação com a natureza, mas também enaltece um modo de vida sustentável e harmonioso que contrasta com a exploração ambiental e enfatiza a urgência de reconhecimento e valorização dos saberes locais como uma forma de cuidado ambiental.

Além disso, como já destacado anteriormente, a letra da música também apresenta alguns casos de variação linguística, fato recorrente nas letras de João do Vale. Nessa letra, o uso da palavra *madureceu*, representa um caso de simplificação morfológica, pois o prefixo a-, da forma culta *amadureceu*, não é pronunciado, nesse caso o verbo é formado apenas pelo acréscimo da desinência modo-temporal ao adjetivo *maduro*. Esse tipo de variação ocorre pois os falantes tendem a criar formas mais curtas a serem usadas no dia-a-dia, em geral, na oralidade.

3.6. Pensando ecocriticamente sobre os saberes empíricos

A valorização dos saberes empíricos, construídos a partir da observação e conexão com a natureza, é um tema recorrente nas letras de músicas de João do Vale. Nesse sentido, para pensar de maneira mais aprofundada sobre o assunto, analisamos mais três letras,

Morceguinho (O rei da natureza) (1981)	O canto da Ema (1981)	Na asa do vento (1981)
<p>O homem é o rei dos animais A mulher, a rainha da beleza Através da ciência tudo faz Engrandece a terra e a natureza Faz um “moio” de ferro avoar Mata e cura a própria humanidade Fala um lá da China num ciclone E num bicho de nome telefone Manda um outro no Brasil escutar Mas tem coisa pequena nesse mundo Que desafia a ciência de verdade</p> <p>Tá aqui uma que causa confusão A ciência não dá explicação Se morcego é ave ou animal E como é que é feita a geração Mata um, tem outro dentro dele Dentro dele tem outro menorzinho Procurando com jeito ainda encontra Dentro do outro um outro morceguinho</p> <p>A abelha por Deus foi amestrada</p>	<p>A ema gemeu no tronco do juremá Foi um sinal bem triste, morena Fiquei a imaginar Será que é o nosso amor, morena Que vai se acabar?</p> <p>Você bem sabe, que a ema quando canta Vem trazendo no seu canto um bocado de azar Eu tenho medo, pois acho que é muito cedo, Muito cedo, meu benzinho Pra esse amor acabar</p> <p>Vem morena, vem, vem, vem Me beijar, me beijar Dá um beijo, dá um beijo Pra esse medo se acabar</p>	<p>Deu meia noite, a Lua faz o claro Eu assubo nos aro e vou brincar no vento leste A aranha tece puxando o fio da teia A ciência da abeia, da aranha e a minha muita gente desconhece</p> <p>Muita gente desconhece, olalá, viu? Muita gente desconhece Muita gente desconhece, olalá, tá? Muita gente desconhece</p> <p>A lua é clara, o sol tem rastro vermelho É o mar um grande espelho onde os dois vão se mirar Rosa amarela quando murcha perde o cheiro O amor é bandoleiro, pode inté custar dinheiro É fulô que não tem cheiro e todo mundo quer cheirar</p> <p>Todo mundo quer cheirar, olalá, viu?</p>

<p>Sem haver um processo bioquímico Até hoje não houve nenhum químico Pra fazer a ciência dizer nada O buraco pequeno da entrada Facilita a passagem com franqueza Uma é sentinela de defesa E as outras se espalham no vergel Sem turbina sem tacho fazem mel Quanto é grande e suprema a natureza</p> <p>Procurando com jeito ainda encontra Dentro dele um outro morceguinho</p>		<p>Todo mundo quer cheirar Todo mundo quer cheirar, olalá, tá? Todo mundo quer cheirar</p>
---	--	--

De um modo geral, as três letras abordam a leitura de sinais que pode ser feita quando há uma relação de convivência, conhecimento e respeito do ser humano em relação à natureza, nesse sentido, as letras destacam como o homem “lê” a natureza.

A letra de “Morceguinho (o rei da natureza)”, constroi-se a partir do contraste entre o conhecimento empírico e o científico. No início, o eu-lírico demonstra fascínio pelos avanços tecnológicos do ser humano, como o avião, descrito na metáfora do “moio de ferro que avoa” e o telefone. No entanto, ao final, irá exaltar os mistérios da natureza refletindo sobre fenômenos que a ciência não consegue explicar.

O saber científico se desenvolve a partir da necessidade que o ser humano possui de classificar e enquadrar os elementos da natureza para compreendê-los. É nesse sentido que os seres vivos com asas, corpo leve e adaptado ao voo e reprodução ovípara são classificados como aves. Contudo, em meio a uma série de regularidades, surge o morcego, um mamífero capaz de voar, desafiando as classificações humanas. Esse aspecto é destacado na letra da canção como um segredo da natureza que escapa à compreensão humana e transcende às explicações científicas.

Outro ponto abordado na letra é a admiração do eu-lírico em relação à sociedade das abelhas e sua produção de mel, que ocorre de forma natural, sem a necessidade de apetrechos construídos pelo ser humano, como turbinas e tachos. Esse fascínio pelo natural, exalta os mistérios da natureza que, na perspectiva do eu-lírico, devem ser celebrados e não questionados e reduzidos à explicações científicas. Desse modo, a letra faz uma crítica aos intensos processos de modificação da natureza, alertando para a necessidade de aprender a “ler” a natureza e se integrar a ela.

Nessa perspectiva, surgem as crenças populares advindas de uma sabedoria que é construída a partir das leituras que o homem faz da natureza, e aqui destacamos, assim como feito em análises anteriores, os sentidos atribuídos ao canto das aves, sob uma ótica cultural e simbólica na letra de “O canto da ema”.

Na canção, dois elementos naturais são centrais: a ema e a jurema, que situam a música no contexto específico da Caatinga. A ema, embora menos associada ao bioma Caatinga devido à predominância de outras aves, é uma espécie presente na região, onde predomina a espécie *Rhea americana*. Atualmente, é uma espécie classificada como quase ameaçada na lista vermelha da IUCN e o declínio da população é associado, supostamente, à caça para exportação de peles e plumas (IUCN, 2022). Essas práticas remontam ao século XVI, durante o período colonial, quando houve intensas atividades de caça por carne, ovos e plumas de ema usadas em chapéus e gorros de militares, conforme os registros nas crônicas do português Pero Magalhães Gandavo (Pacheco, 2004, p.196).

A jurema, segundo elemento da canção, é um nome comum a diversas árvores, entre elas, a jurema preta, nativa do semiárido nordestino e conhecida cientificamente como *Mimosa tenuiflora*. Trata-se de uma planta utilizada para a fabricação de uma bebida alucinógena, associada aos rituais religiosos de povos indígenas do Nordeste do Brasil, antes da colonização e, após a colonização, pelos povos afro-brasileiros, além disso, também é conhecida por suas propriedades medicinais (Grünwald, 2020).

Tendo conhecimento acerca dos dois elementos centrais da letra, agora voltamo-nos ao tema que consiste na possibilidade do amor entre o eu-lírico e a morena acabar devido ao canto da ema no pé de jurema que é lido como um prenúncio de azar. Nesse sentido, um fenômeno natural é lido a partir de uma perspectiva cultural e não científica, mostrando que os seres humanos não apenas habitam o ambiente, mas se conectam a ele criando narrativas para lhe dar significado, ou seja, a ema e a jurema, transcendem seu papel ecológico ao adquirir um significado simbólico. Desse modo, a combinação de dois elementos que são significativos por si só, pois evidenciam a riqueza do bioma, reforça a ligação que existe entre o espaço ecológico e os sentimentos humanos.

Ainda com relação ao tema central, o eu-lírico assume uma posição de fragilidade frente aos sinais da natureza, demonstrando o medo, que pode ser interpretado como a vulnerabilidade humana frente às mudanças ambientais. E ao final, tenta retomar o controle da situação e reverter o poder simbólico do canto da ema, ao beijar a morena, posicionando-se de maneira central. Essa atitude se revela paradoxal, pois, embora reverencie a natureza, a atitude antropocêntrica acaba prevalecendo.

Em última análise, na letra da música “Na asa do vento”, de um modo geral, o tema abordado, assim como em outras canções, é a exaltação da ciência da natureza, representada pela sofisticação da aranha ao tecer sua teia e da abelha que produz o seu mel sem os recursos tecnológicos desenvolvidos pelo homem.

Além disso, a repetição do verso “muita gente desconhece” evidencia o afastamento entre sociedade e natureza e, de um ponto de vista ecocrítico, alerta para uma desconexão crescente que precisa ser revertida. Ao destacar a relação entre alguns elementos naturais como o sol, a lua e o mar, onde "os dois vão se mirar", reforça a ideia de interdependência e equilíbrio natural e incentiva o ser humano a se reconhecer como parte desses ciclos e mistérios. Apenas após essa integração seria possível abandonar perspectivas fragmentadas, consumistas e dominantes em relação ao meio ambiente natural. Assim, a música enfatiza a necessidade de uma relação harmônica, e livre de exploração, com o ambiente.

O que se percebe a partir dessas análises é que pensar ecocriticamente sobre os saberes empíricos é perceber seu valor para a questão da crise ambiental, uma vez que nos ensinam a perceber os sinais da natureza e nos reconectar com ela, ou seja, compreendermos que não estamos controlando as relações ecológicas, pois somos parte dela, e que o caminho para restabelecer o equilíbrio natural, talvez seja assumir a nossa posição como um elo dessa cadeia.

Em conclusão, pode-se dizer que, vistas de um modo geral, as canções de João do Vale nos apresentam a biodiversidade do bioma Caatinga, uma vez que o compositor traz muitos elementos da fauna e flora do bioma e descreve o homem como parte desse ecossistema, cujas relações são marcadas por uma intensa afeição, mesmo em vista da necessidade de sobrevivência e constante adaptação, além de uma profunda conexão com a natureza que resulta em uma exaltação do empirismo em contraste com o conhecimento científico.

4. A CAATINGA NAS LETRAS DE MÚSICA DE JOÃO DO VALE: PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO

Sendo um filho da terra, João do Vale representa o bioma Caatinga nas suas letras de canções com bastante fidedignidade. Desse modo, esse rico acervo musical pode ser levado para a sala de aula de maneira interdisciplinar, com o intuito de trabalhar conteúdos relacionados à educação ambiental nas aulas de literatura, pensando em um ensino contextualizado e necessário nas escolas inseridas na região Nordeste do Brasil, onde predomina esse bioma, como uma forma de promover o conhecimento e a valorização dos elementos que compõem essa região.

Assim sendo, serão apresentadas a seguir propostas de atividades a partir das letras analisadas com o intuito de subsidiar professores com conteúdos interdisciplinares para a promoção da educação ambiental nas aulas de literatura, de modo que o estudante relacione o conteúdo com a realidade ao seu redor em uma perspectiva de valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes.

Nesse sentido, abaixo seguem os objetivos propostos, assim como sugestões de atividades, para as oficinas com as letras de músicas de João do Vale. Vale ressaltar que, para o trabalho com as letras de música em sala de aula, é indispensável apresentar, inicialmente, a biografia do compositor para que os alunos possam relacionar com a forma e o conteúdo das canções, principalmente ao considerar a variação linguística de João do Vale, notória ao longo das letras, pois, em sala de aula, os alunos podem questionar sobre essas variações e enxergá-las como um erro, de modo que é indispensável a discussão e explicação sobre as noções de variação em contraste com a ideia de erro, contextualizando e justificando esses aspectos linguísticos com as realidades regional e social do compositor. Após isso, a audição da canção deve ser feita juntamente com a letra, para que os alunos acompanhem a música sem perder a atenção e depois é indispensável ouvir as impressões iniciais dos alunos. Em seguida, o professor buscará envolver os estudantes em um processo de construção do conhecimento propondo reflexões sobre o tema da música e direcionando as discussões às temáticas ecológicas que envolvem o bioma Caatinga, além de destacar a linguagem literária, como o uso de figuras de linguagem e outras expressões.

Oficina I - Carcará, a águia do sertão

O objetivo principal desta atividade é conhecer o carcará, situando-o no Nordeste e perceber as manobras adaptativas necessárias para a sua sobrevivência, tendo em vista as condições climáticas do semiárido e as atividades humanas:

1. Ouvir a música e falar as impressões iniciais.
2. Descrever os elementos centrais na canção: o carcará e o sertão, destacando as características contidas na letra a partir de metáforas, analogias e outras expressões.
3. Pesquisar informações científicas sobre o carcará, incluindo seu habitat, hábitos alimentares e importância para o equilíbrio ecológico e comparar os dados científicos com a visão apresentada na letra da música.
4. Promover um debate sobre como as imagens poéticas da letra refletem aspectos ecológicos do bioma Caatinga.
5. Discutir sobre as consequências ecológicas das práticas mencionadas na letra, como o sistema de derrubada-queimada no sertão e promover reflexões sobre o impacto

humano no bioma Caatinga e estratégias de preservação ambiental, destacando o papel do Estado, da iniciativa privada e da sociedade.

6. Criar cartazes ou infográficos que apresentem informações sobre o carcará e outros elementos do bioma mencionados na oficina e expor os materiais em um espaço escolar ou comunitário para sensibilizar outras pessoas sobre a preservação ambiental.
7. Realizar uma atividade de observação (se possível, em um ambiente natural próximo) e registrar a presença ou ausência de elementos da fauna local através de desenhos, poemas ou pequenos textos.
8. Refletir sobre a importância de compreender e preservar as características da fauna local, como o Carcará, para valorizar a cultura e preservar o ecossistema do sertão. Pedir que os alunos expressem sua opinião através de um comentário escrito.

Oficina II - As voltas que o sertão dá: período seco e período chuvoso na Caatinga

O objetivo principal das atividades envolvendo a canção “A lavadeira e o lavrador” é compreender, através da linguagem literária, a dinâmica dos períodos secos e chuvosos no semiárido e perceber as transformações que ocorrem na paisagem do Nordeste e seus impactos nas atividades humanas:

1. Ouvir a música e falar as impressões iniciais.
2. Realizar uma roda de conversa para identificar e discutir sobre o conflito apresentado na letra, destacando o contraste construído através da linguagem e o aspecto dramático da cena e refletir sobre situações em que as condições climáticas ou ambientais impactam diretamente as atividades diárias dos alunos ou da comunidade.
3. Criar um mural coletivo, no qual cada estudante desenha ou escreve algo relacionado às emoções e reflexões que a música despertou, podendo destacar elementos da natureza e da vida sertaneja.
4. Relacionar os desafios vividos pelas personagens da música com questões atuais de mudanças climáticas por meio de uma pesquisa sobre como a irregularidade climática afeta atividades econômicas e sociais hoje. Os resultados podem ser apresentados em formato de painel ou de textos criativos, como a elaboração de poemas retratando desafios atuais tendo em vista os ciclos de seca e chuva no semiárido.
5. Dividir os estudantes em grupos para dramatizar os dois cenários apresentados na canção retratando as dificuldades enfrentadas pela lavadeira e pelo lavrador.
6. Realizar um debate para a criação de propostas de soluções comunitárias para os problemas apresentados na música, tendo em vista que tais soluções devem ser pensadas em uma perspectiva de manutenção do equilíbrio ambiental e

estabelecimento de um equilíbrio social (o que poderia ser feito para ajudar a lavadeira e o lavrador?). Em seguida, pedir que os alunos desenvolvam uma das propostas debatidas através de um comentário escrito.

Oficina III - O bom filho à casa torna

O objetivo principal desta atividade é conhecer os diferentes fatores que podem levar as pessoas que vivem na região Nordeste a migrarem para outras regiões e desconstruir o estereótipo da fuga devido à seca, a partir de uma linguagem lírica.

1. Ouvir a música e falar as impressões iniciais a partir da questão: qual o sentimento que a música despertou em você?
2. Propor uma roda de conversa em que os estudantes compartilhem histórias ou casos que conhecem sobre pessoas que migraram de zonas rurais para urbanas, identificando fatores de atração e repulsão e promovendo uma reflexão sobre os motivos da migração campo-cidade, em seguida, relacionar com os versos da música, identificando a visão do eu-lírico sobre o sertão e a cidade grande (topofilia e cosmofobia).
3. Promover uma dinâmica em que os estudantes identifiquem e compartilhem locais que despertam neles sentimentos de pertencimento ou saudade. Após a reflexão, cada um poderá criar um texto curto (poema, carta ou narrativa) destacando as características desses lugares e suas memórias associadas.
4. Pedir que os estudantes citem pontos positivos da região Nordeste produzindo uma tempestade de ideias com o intuito de promover o desenvolvimento da topofilia em relação à região Nordeste e ajudando a criar ou fortalecer uma conexão emocional e valorização do lugar onde vivem, como o eu-lírico expressa na letra da canção e o próprio compositor, nas sua obra.

Figura 3: Capa do disco de 1981, João do Vale representa o sertão como identidade e resistência



Fonte: Discogs, 2025

5. Utilizando o trecho em que o eu-lírico menciona a produção agrícola (algodão, mandioca, arroz e feijão), promover um debate sobre agricultura sustentável. Depois, se possível, realizar uma atividade prática, como criar uma pequena horta na escola ou o plantio de mudas.
6. Dividir os alunos em grupos para identificar exemplos da “natureza remexida” (como desmatamento, poluição e construções em áreas naturais) e criar cartazes com propostas de ações que promovam a sustentabilidade e preservação do meio ambiente, refletindo sobre as consequências dos intensos processos de urbanização.
7. Refletir, a partir de um comentário escrito, sobre a importância de valorizar e preservar o lugar onde vivemos.

Oficina IV - Fauna e flora da Caatinga na música “Ouricuri (segredos do sertanejo)”

O objetivo principal dessa atividade é conhecer alguns nomes de animais e plantas que compõem o bioma Caatinga e refletir sobre o desconhecimento da fauna e flora desse bioma em decorrência da desconexão do ser humano com a natureza e a importância de restabelecer essa conexão.

1. Ouvir a música e falar as impressões iniciais.
2. Realizar uma leitura interpretativa da música a partir de questões como: quais elementos naturais (animais, plantas e fenômenos) são mencionados na música? Que

segredos ou saberes populares do sertanejo aparecem na letra? Como os ciclos naturais (chuvas, florescimento, canto de aves) guiam a vida no sertão?

3. Identificar e conhecer animais e plantas mencionados na letra da música que compõem o bioma Caatinga a partir de uma pesquisa orientada voltada para as características biológicas e ecológicas das espécies.
4. Exibir imagens ou vídeos que apresentem a riqueza da biodiversidade da Caatinga criando um contraste com o desconhecimento geral sobre o bioma, incentivando os estudantes a refletirem e discutirem ações que possam reverter a desconexão entre o ser humano e a natureza.
5. Realizar uma dinâmica sensorial com elementos representativos da Caatinga, como cheiro de ervas (catingueira ou outras plantas da região), sons de aves (como o gavião e a acauã) e imagens do bioma, promovendo a identificação com o ambiente natural e a conexão emocional com a Caatinga por meio de experiências sensoriais.
6. Criar um mural colaborativo onde cada aluno contribui com informações em desenho ou escritas sobre as espécies mencionadas na música, destacando sua importância ecológica e cultural com o intuito de promover o conhecimento, a valorização e a preservação das espécies do bioma Caatinga.
7. Conversar com pessoas mais velhas e entrevistá-los sobre outros exemplos de saberes populares semelhantes aos “segredos do sertanejo” mencionados na música. Em seguida, promover uma roda de conversa na qual os estudantes irão compartilhar os resultados de suas entrevistas e refletir sobre a importância dos saberes populares para a compreensão dos ciclos naturais no bioma Caatinga.
8. Escrever pequenos textos ou poemas inspirados na música “Ouricuri” e no que aprenderam sobre o bioma Caatinga, ressaltando a importância de se reconectar com a natureza e valorizar o conhecimento tradicional.

Oficina V - Os saberes empíricos e a conexão com a natureza

O objetivo principal dessa atividade é reconhecer a importância dos saberes empíricos e compará-lo com o conhecimento científico a partir da análise comparada de três músicas de João do Vale.

1. Reflexão inicial sobre o que é ciência, o que são saberes populares e como os dois tipos de conhecimento podem se complementar.
2. Ouvir as três das músicas e falar as impressões iniciais.

3. Organizar os alunos em três grupos para que realizem uma análise a partir de questões simples como: qual o tema abordado na música? Quais os elementos naturais mencionados? O que esses elementos representam?
4. Identificar nas músicas elementos relacionados ao bioma Caatinga, como animais e plantas, e pesquisar informações sobre eles destacando sua relevância ecológica e cultural, além da necessidade de preservação.
5. Identificar os saberes populares mencionados nas letras, como as observações sobre animais e fenômenos naturais, e discutir sua aplicação no cotidiano do sertão.
6. Realizar uma roda de conversa para ouvir todas as músicas em conjunto, em seguida os grupos compartilham suas análises e ao final irão refletir sobre o tema comum das canções, o conflito ou a coexistência entre o saber popular e o conhecimento científico na visão de João do Vale.
7. Debater sobre como os saberes populares podem contribuir para a sustentabilidade e preservação do bioma Caatinga, ressaltando a complementaridade entre ciência e cultura, a partir de questões como: a cultura popular pode trazer contribuições para a ciência? Existem situações em que o saber empírico se antecipa ao conhecimento científico? Como preservar e valorizar esses saberes em tempos de crescente urbanização e desconexão com a natureza?
8. Pesquisar exemplos de outros saberes populares locais relacionados à observação da natureza e explicar sua importância social.
9. Criar textos, poemas, músicas ou desenhos baseados nos saberes empíricos da região Nordeste, conectando-os a explicações científicas ou reflexões pessoais e apresentá-los em um sarau com o intuito de compartilhar a riqueza dos saberes populares e sua interrelação com o conhecimento científico, além de desenvolver maior valorização e curiosidade pelo bioma Caatinga e pela cultura do sertão.

VI - Encerramento: Feira cultural

Para a finalização do ciclo de oficinas é essencial que os conhecimentos construídos sejam compartilhados, desse modo, sugere-se a realização de uma feira cultural envolvendo toda a comunidade escolar, como uma forma de promover a valorização da cultura nordestina e a conscientização para a preservação ambiental do bioma Caatinga.

Entre as atividades a serem realizadas sugere-se a exposição de estandes temáticos exibindo os principais aprendizados das oficinas, como a relação entre o saber popular e o conhecimento científico e a biodiversidade da Caatinga, apresentações artísticas de poemas

criados ao longo das oficinas, atividades interativas para o público, como dinâmicas para identificar animais e plantas do bioma a partir de descrições, charadas, imagens, sons e cheiros, exibição de vídeos e fotos documentando o processo das oficinas, destacando os momentos de aprendizado e produção de um mural colaborativo com os participantes da feira sobre o tema “O que podemos fazer para preservar a Caatinga?”, com o intuito de fortalecer a conexão dos saberes locais com a preservação ambiental.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, reafirmamos que a pesquisa se insere como uma proposta de ensino interdisciplinar, que associa a literatura às questões ambientais, pensando em análises literárias ecocríticas que contribuam para o conhecimento, a valorização e a preservação do bioma Caatinga, um bioma frequentemente marginalizado, trazendo à tona suas peculiaridades, belezas e vulnerabilidades e possibilitando a educação ambiental através do texto literário. Tal proposta poderá contribuir para a formação de sujeitos ecologicamente conscientes através da reconexão com a natureza, pois, ao utilizar o texto literário para promover uma reflexão sobre a Caatinga, o esperado é que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais profunda sobre a importância da preservação ambiental, promovendo atitudes conscientes e responsáveis em relação ao meio ambiente, tendo em vista que, ao abordar temas ambientais e sociais com sensibilidade e profundidade, a literatura pode engajar os leitores de maneira emocional, tornando a problemática ambiental mais tangível e urgente.

Embora o caminho para a implementação dessa abordagem interdisciplinar seja desafiador, ela representa uma oportunidade de repensar e reconfigurar algumas práticas pedagógicas, visando a aproximação da escola com os contextos socioambientais que os alunos vivenciam. Nesse sentido, a continuidade de estudos e práticas pedagógicas baseadas na ecocrítica será essencial para consolidar essas propostas e incentivar iniciativas semelhantes em outras regiões do Brasil.

Em última análise, esta pesquisa não só contribui para o enriquecimento dos estudos ecocríticos no Brasil, como também promove propostas para o fortalecimento da relação da sociedade com seu entorno natural, oferecendo possibilidades para que os jovens se tornem agentes de transformação e defesa ambiental em suas comunidades e conhecedores críticos das questões ambientais universais.

REFERÊNCIAS

ANTAS, P. T. Z. **Aves do Pantanal**. RPPN: Sesc, 2005. Disponível em: <http://www.avespantanal.com.br/paginas/index.htm>. Acesso em: 13 dez. 2024

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

BRASIL. Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf. Acesso em: 25/03/2024

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRUGIONI, Elena; MELO, Alfredo Cesar. Ecocrítica (s). Literatura e colapso ambiental. : **Remate de Males**, Campinas-SPv.42, n.2, p. 254-259, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8672928>. Acesso em: 24/01/2024

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

Discogs. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/release/2915152-João-Do-Vale-João-Do-Vale/image/SW1hZ2U6MjEwOTMxODg=. Acesso em: 08/05/2025.

FILGUEIRA, Tâmara Kelly Pereira; LINS, Juarez Nogueira. Ensino de literatura e meio ambiente: o literário e a formação do sujeito ecológico. **Revista Interdisciplinar de Literatura e Ecocrítica**: n.10, vol.1, p.78-90, Junho-Julho, 2022. Disponível em: <https://asle-brasil.com/journal/index.php/aslebr/article/view/244/171>. Acesso em: 18/02/2024

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: EDUnB, 2006.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo; SAVOLDI, Robson. **Cada jurema é uma jurema: Continuidade, rupturas e inovações em religiosidades no Brasil**. Revista del CESLA, vol. 26, 2020. Uniwersytet Warszawski, Polónia. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243364810019>. Acesso em: 13 de dezembro de 2024.

IUCN: **Lista vermelha de espécies ameaçadas de extinção**. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2022-2.RLTS.T22678073A219615764.en>. Acesso em: 10 de dezembro de 2024.

KIILL, Lúcia Helena Piedade. **Bioma Caatinga: Introdução**. Embrapa Semiárido, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-caatinga/introducao>. Acesso em: 24 mar. 2024.

KIILL, Lúcia Helena Piedade; PORTO, Diogo Denardi. Bioma Caatinga: oportunidades e desafios de pesquisa para o desenvolvimento sustentável. In: VILELA, E. F.; CALLEGARO,

G. M.; FERNANDES, G. W. (Org.). **Biomass e agricultura: oportunidades e desafios**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciência: FAPEMIG, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

MARQUES, Wilson. **O jovem João do Vale**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2013.

PACHECO, J. F. As aves da Caatinga: uma análise histórica do conhecimento. In: SILVA, J. M. C.; TABARELLI, M.; FONSECA, M. T.; LINS, L. V. (orgs.). **Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. Brasília: MMA; Universidade Federal de Pernambuco; Fundação de Desenvolvimento da UFPE; Conservation International do Brasil; Fundação Biodiversitas; Embrapa Semi-Árido, 2004. p. 189-250.

PRADO, Priscila; CANTARIN, Márcio Matiassi. De réptil para réptil. **Revista Interdisciplinar de Literatura e Ecocrítica**: vol.1, n.10, 2022. p.53-67. Disponível em: <https://asle-brasil.com/journal/index.php/aslebr/article/view/239/178>. Acesso em: 18/12/2023

SICK, H. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31 - 42. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 11/05/2024

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.